



Fotogramas do filme *O Quinto Império: Ontem como Hoje* (2004) de Manoel de Oliveira.

O QUINTO IMPÉRIO: ONTEM COMO HOJE 2004

Realização: Manoel de Oliveira

Argumento: Manoel de Oliveira, baseado na peça *El Rei Sebastião* de José Régio

Direção de fotografia: Sabine Lancelin

Música: Carlos Paredes

Direção de som: Philippe Morel

Consultor: Pe. João Marques

Montagem: Valérie Loiseleux

Decoração: Maria José Branco

Guarda-roupa: Isabel Branco

Interpretação: Ricardo Trêpa (El Rei Sebastião), Luís Miguel Cintra (Simão Sapateiro Santo e voz off), Glória de Matos (Rainha D. Catarina), Ruy de Carvalho (conselheiro), José Manuel Mendes (conselheiro), Luís Lima Barreto (conselheiro), Rogério Samora (nobre e D. Sancho I), José Wallenstein (nobre e D. João I), Filipe Cochofel (nobre e D. Duarte), Carlos Gomes (nobre e D. Manuel), João Reis (fidalgo e D. João II), Rui Morrison (D. Afonso IV), Miguel Guilherme (truão) etc.

Produção: Madragoa Filmes e Gemini Films

Diretor de produção: Alexandre Cebrian Valente

Assistente de realização: José Maria Vaz da Silva

Anotadora: Júlia Buisel

Cópia: 35mm, cor

Duração: 127 minutos

Estreia mundial: Festival de Veneza, 10 de setembro de 2004.

Estreia em Portugal: Cinemas Alvaláxia e Monumental-Saldanha, 27 de janeiro de 2005.

O ESPELHO DO TEMPO

Com *O Quinto Império: Ontem como Hoje*, o arco traçado, na obra de Manoel de Oliveira, entre *NON ou a Vã Glória de Mandar* (1990) e *Palavra e Utopia* (2000) ganha um vértice inesperado, dando forma a uma nova zona capitular onde está em jogo a História de Portugal, algumas das suas principais figuras e alguns dos seus mais trágicos momentos. Tendo por base a peça de José Régio - *El-Rei D. Sebastião* -, *O Quinto Império* tem por centro dramático os dias que antecederam a resolução de D. Sebastião em empreender a jornada de Alcácer-Quibir. E se é certo que o filme nos dá muito sobre o conjunto de condições mentais, históricas e dramáticas que empurraram Rei e Reino para a perdição, a verdade é que o programa de Manoel de Oliveira é bem mais vasto, configurando uma reflexão profunda sobre as cicatrizes que a história deixa num País, através do Tempo, seu único e poderoso agente.

Ontem como hoje; assim diz o subtítulo de *O Quinto Império* e di-lo bem. Porque a grande operação conceptual do filme passa por esse esforço em colocar a figura de D. Sebastião na cena em que, com toda a probabilidade, ela própria se pensou, isto é, fora das circunstâncias efectivas da história, da conjuntura palaciana e do pragmatismo do governo. Ontem, porque é do tempo passado que o Rei se alimenta (a peregrinação pelos túmulos dos grandes reis com que o filme abre; a manipulação fetichista do espadão de Afonso Henriques); hoje, porque é neste aqui e neste agora que Oliveira filma, porque é em nome deste

hoje que o filme se faz. E que dizer, a este respeito, da utilização de Ricardo Trêpa - actor que é neto de Manoel de Oliveira -, na personagem de D. Sebastião, assumindo-se como verdadeiro alter-ego - auto-retrato - do próprio realizador, lembrando por vezes mais o Manoel de Oliveira que vimos em *A Canção de Lisboa* (1933) do que o próprio Rei, cujo retrato Oliveira filma, propositadamente, para nos fazer lembrar menos as semelhanças do que as diferenças? Em certo sentido, *O Quinto Império* pode até ser considerado um "filme sebastianista" (como o foram os sermões de Vieira ou a poesia de Pessoa), pela simples razão de nos tornar tangível o incompreensível, de nos fazer entender a razão fora das razões, de nos fazer perceber porque, apesar desse tudo que é imenso, D. Sebastião nos é uma figura sumamente admirável, talvez por ter personificado, como ninguém, a Utopia e por ter dado a um país desgraçado um modo de se pensar como coisa maior do que si próprio (*bigger than life*, literalmente).

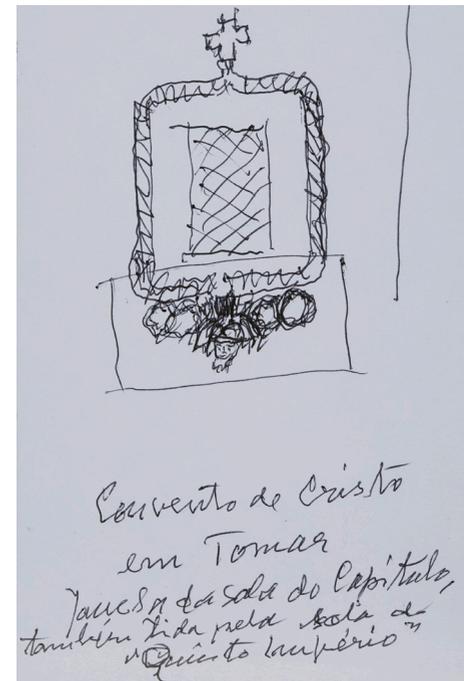
Já se terá percebido quão retorcidos são os caminhos deste *O Quinto Império*, como tão certamente acompanham as voltas e reviravoltas das escadarias maneiristas do Convento de Cristo e a grelha crepuscular da janela da sala do trono, em torno da qual quase todo o filme se passa. Porque em *O Quinto Império* há o respeito escrupuloso pela palavra e personagens da peça de José Régio, mas há sobre esse respeito "teatral" - que o filme assume - um trabalho essencial da luz, da penumbra e da planificação, a agitação desequilibrante do cinema, que põe toda essa matéria a ferver no "hoje" que o título designa e que é para onde o filme transporta o mito, tornando-o, através do cinema e da perenidade dos seus materiais, coisa realmente fantasmática e terrivelmente imortal.

João Mário Grilo

(in *Visão*, 3 de fevereiro de 2005).

"... COMO HOJE (HOJE)"

Escrito há já dez anos, este texto e o filme que ele, humildemente, convoca enfrentam hoje, solidariamente, a (sempre dura) prova do tempo. E nesse desiderato, há-de dizer-se que não só o Tempo - e a parte da nossa história que dele depende - tem sido



Documento de trabalho do filme *O Quinto Império: Ontem como Hoje* (2004), depositado na Casa do Cinema Manoel de Oliveira - Fundação de Serralves.

especialmente benéfico para o cinema de Oliveira, como este filme, particular e "acentuado" como poucos mais, não bem mostra como, olhando aparentemente "para trás", os filmes de Manoel de Oliveira são tão extraordinárias maneiras/máquinas de nos pôr a olhar - profeticamente - "para a frente". Filme sobre o poder e os seus por vezes "delirantes" imaginários, *O Quinto Império: Ontem como Hoje* devia ser (hoje e sempre) um filme de visão obrigatória. Por ele - pelo seu Rei e pelo modo como no seu rosto e na sua inquietação se espelham o - também nosso - porvir - perpassa quase tudo o que é preciso saber sobre as andanças deste país: como ele foi, como ele é, como não pode (fatalmente, tragicamente) vir a ser. Ontem como hoje, hoje como amanhã. E o cinema - mas também o teatro e a poesia - (quase) sempre.

João Mário Grilo
Dezembro de 2015